

Contador das histórias da nova capital

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A cidade de Brasília ainda nem existia e já despertava a paixão e a curiosidade do jovem repórter José Adirson de Vasconcelos, do *Correio do Povo*, de Recife. Nascido na pequena Santana do Acaraú, no Ceará, Adirson de Vasconcelos — como é conhecido — foi cedo para o Rio de Janeiro trabalhar como correspondente do jornal numa época em que as notícias sobre a construção da nova capital ganhavam as manchetes dos principais jornais do país.

Foi numa dessas reportagens que o apologista de Brasília, como era chamado pelo amigo e educador Gilberto Freyre, depapou com o inusitado e a sua grande paixão. Escalado para cobrir a primeira missa na capital federal, o jornalista desembarcava em Brasília na tarde do dia 2 de maio de 1957, um dia antes do acontecimento, após uma longa e cansativa viagem. “Saímos do Rio de avião para Goiânia, onde embarcamos em uma jardineira rumo à cidade, lembra o visitante, que chegou a dormir no ônibus depois de procurar exaustivamente por um hotel. A Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) estava cheia e o único hotel — o Hotel Souza — estava lotado de gente que tinha vindo para assistir a missa. De-

Arquivo pessoal



pois de muita insistência, a única coisa que conseguiu foi uma lata para improvisar um banho lá mesmo no hotel.

Sem muitos recursos, a cidade devia ter apenas uns 30 barracos pelas contas do repórter, que buscava ansiosamente por uma cantina onde pudesse saciar a fome. Uma lamparina acesa num quiosque ao longe dava sinal de que lá poderiam encontrar comida. “Não tivemos sorte. Só tinha

pão seco e cerveja quente. Nem ao menos um guaraná”, recorda o correspondente.

A visão esplendorosa do céu da cidade ao amanhecer compensou os transtornos e o desconforto da chegada. “Até então, jamais tinha visto um céu daquele e o horizonte que despontava em minha frente”, recorda Adirson. Com uma máquina fotográfica e um gravador, o repórter rumou para o

cruzeiro, onde seria celebrada a missa campal, para testemunhar e registrar o batismo espiritual da cidade. “A movimentação no céu e no solo denunciava a importância do acontecimento. Milhares de engenheiros,romeiros, estudantes uniformizados, visitantes vindos da Cidade Livre, dos acampamentos das obras e até índios carajás iam chegando com seus jepes, jardineiras e caminhões em direção

**EM VISITA AO CORREIO
BRAZILIENSE,
JUSCELINO SENTOU NA
CADEIRA QUE ERA
OCUPADA POR ADIRSON**

ao altar coberto por um toldo de lona improvisado para a celebração da missa.”

“Na presença de Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro e de mais de 10 mil pessoas, o cardeal D. Carlos Carmelo

O jornalista cearense chegou para cobrir a primeira missa da nova capital em 1957 e se apaixonou pelo céu e pelo empreendedorismo reinante na cidade naquela época

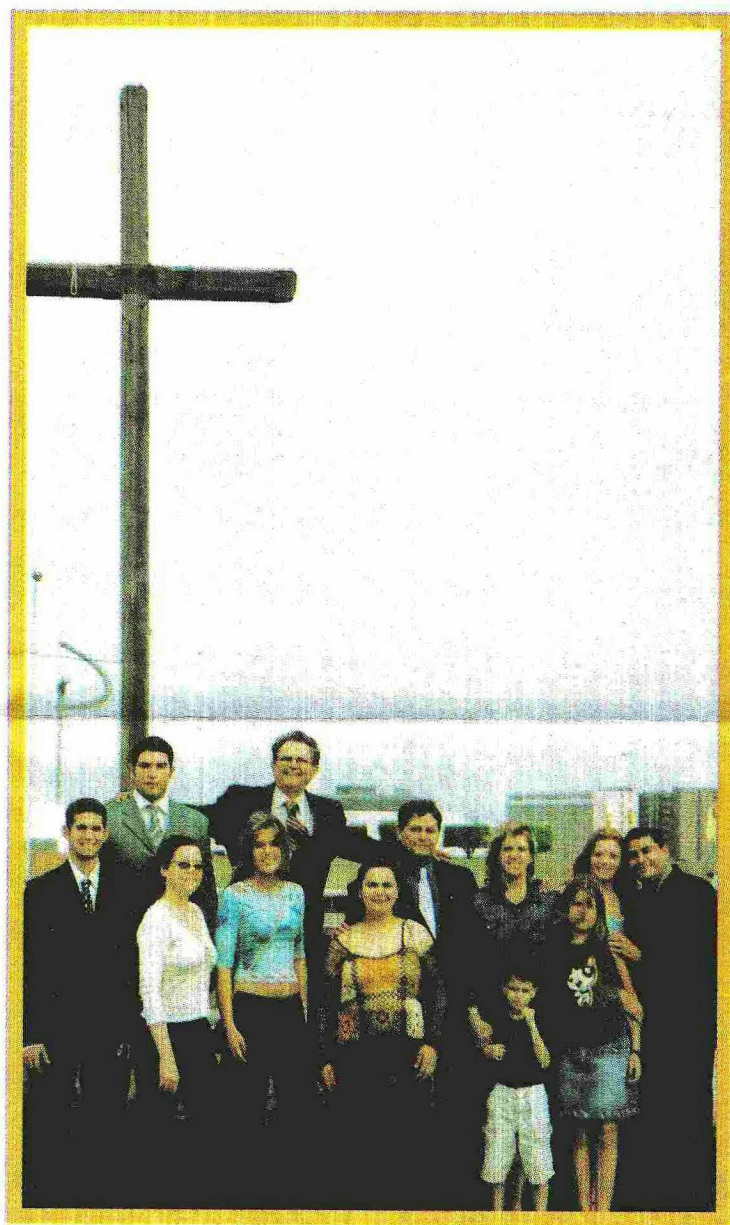
O JORNALISTA E
POETA COM A
FAMÍLIA NO LOCAL
ONDE FEZ SUA
PRIMEIRA MATÉRIA
NA CAPITAL
FEDERAL

Motta anunciava a importância de Brasília como sendo o mais formidável impulso unificador e civilizador do Brasil”, descreve o escritor no livro *A Epopéia da Construção de Brasília*. A emoção foi tamanha que, em meio aos flashes, o jornalista acabou esquecendo a mala com seus pertences dentro de um dos caminhões que transportava o pessoal.

Além da primeira missa, o repórter cobriu outros grandes fatos históricos na nova capital como a inauguração do Palácio da Alvorada, em 1958, do Brasília Palace Hotel e a primeira cumeeira da 108 Sul, onde estavam sendo construídos os prédios do Instituto dos Aposentados e Pensionistas Bancários — IAPB.

As idas e vindas a Brasília eram cada vez mais constantes. “A cada viagem eu me empolgava ao ver de perto todo aquele entusiasmo, vibração e o idealismo do povo sob a liderança de JK”, declarou o visitante, que com o tempo teve de abandonar os hotéis do Núcleo Bandeirante para se instalar definitivamente na capital. Sua primeira residência foi na 412 Sul, onde conseguiu um apartamento por influência de um amigo deputado. “Tudo era muito curioso, vários conterrâneos saíram do Ceará, onde trabalhavam com a enxada, para construir verdadeiros palácios aqui”, conta com orgulho.

A agilidade e o faro jornalístico do então repórter da Agência Meridional o levaram à inauguração do maior jornal da capital em abril de 1960: o *Correio Brasileiro*, onde Adirson Vasconcelos trabalhou como repórter e chefe de redação. “Era muito pouca gente para cobrir tantos acontecimentos”, lembra o, na



época, novo morador. Foi lá que o pioneiro teve a honra de receber em sua mesa de trabalho o presidente Juscelino e a esposa, Sara Kubitschek.

A amizade e o carinho entre o presidente e o jornalista atravessaram o oceano. Unindo o útil ao agradável, Adirson seguiu para Paris no ano de 1964 — onde JK se encontrava exilado, para conhecer o Louvre e aproveitar para fazer uma visita ao amigo. “Como sabia que ele tinha uma vida difícil, levei alguns dólares, umas xícaras e o saboroso café do Brasil”, conta o historiador, emocionado com a atitude do ex-presidente, que chegou a levá-lo ao museu dirigindo um modesto Simca.

“Ele deu umas voltas nas ruas de Paris por mais de uma hora me mostrando tudo”, relata a experiência inesquecível. Adirson conta ainda que depois ele seguiria para uma reunião com um grupo de industriais italianos que desejavam investir na América Latina. Ele defendia que o investimento viesse para o Brasil.

O ideal

Para o estudioso de Brasília, o ideal de construção da nova capital data dos tempos do Brasil Colônia. Segundo o historiador, o Marquês de Pombal, a Corte Portuguesa e o alferes Tiradentes já sonhavam com a interiorização da capital. “Encontramos

“
ATÉ ENTÃO,
JAMAIS TINHA
VISTO UM CÉU
DAQUELE E O
HORIZONTE QUE
DESPONTAVA EM
MINHA FRENTE

depoimentos que levam a afirmar ter sido Tiradentes o primeiro a pensar no Movimento Mudancista, isto é, o de interiorizar a capital, transportando-a do litoral para uma região do centro do país”, garante o jornalista, que chegou a “bisbilhotar os arquivos do escritório da Novacap na Rua Almirante Barroso, no Rio de Janeiro”, para mandar as notícias mais quentes sobre a construção de Brasília para o jornal do Recife. Conta o escritor que os nomes “Brasília” e “Petrópolis” também chegaram a ser cogitados por José Bonifácio já naquela época.

O ideal de mudança da capital também foi tema do poema *Exaltação a Brasília*, que Adirson escreveu em homenagem à cidade que ele escolheu para sua nova morada. “E da Colônia à República, foste sonho e ideal de tantos. Juscelino te fez real pelas mãos pioneiras, candangas.”

Os vários anos de estudo sobre a nova capital resultaram na publicação de mais de 20 livros, escritos por este jornalista candango, de 68 anos, como *Memorial Juscelino Kubitschek*, *A Mudança da Capital*, *O Homem e a Cidade* e *Os Pioneiros da Construção de Brasília*, onde o autor registra os fatos mais importantes da construção da cidade — a sua verdadeira paixão.

Raio X

Nome:
José Adirson de Vasconcelos
Idade:
68 anos
Origem:
Santana de Acaraú, Ceará
Ano de chegada a Brasília:
1957
Profissão:
Jornalista e escritor
Estado civil:
divorciado
Filhos:
Lúcia, Rui, Cláudia, Marcelo, Adirson, Juscelino e Martha
Netos:
Paola e Bruno